

**COMO PROCEDER DE MODO QUE TENHAMOS CERTEZA QUE SEREMOS SURPREENDIDOS EM NOSSA PRÓPRIA PESQUISA - CINEMA E CARTOGRAFIAS EM EDUCAÇÃO: CO-IMPLICAÇÕES SENSÍVEIS**

LOPES, Sammy William – UFES

GT-16: Educação e Comunicação

*[...] o signo é uma imagem que vale por outra imagem (seu objeto), com referência a uma terceira imagem que constitui o “interpretante” dele, sendo este, por sua vez, um signo ao infinito. (Gilles Deleuze).*

## **Introdução**

Entendendo “comunicação” como dispositivo que articula o desdobramento de conteúdos e expressão de signos e sentidos para os afetos experimentados no acontecimento dos encontros nos quais nos deixamos envolver; esse estudo predispõe-se a abordar o campo problemático surgido na análise da utilização de uma relação de intercessão entre a pesquisa cartográfica em educação e o cinema. Para isso, ao longo do texto, procurarei deter-me nas potências implicadas em tal movimento para a invenção de uma prática ético-estética de si a ser rascunhada nos próprios modos de investigar e na apresentação escrita dos trabalhos produzidos.

Nesse sentido, tentarei mostrar, primeiramente, a necessidade de tomar o campo da pesquisa em educação como plano de imanência para a invenção de novas imagens no pensamento, em contraposição às linhas duras das políticas de reconhecimento que habitualmente o recortam; procurando, em segundo lugar, problematizar as condições de emergência de um modo diferencial de relação entre os campos problemáticos e conceitos entrelaçados no âmbito da pesquisa e os recursos imagéticos apresentados pela produção cinematográfica diante dos problemas filmicos por ela enfrentados; considerando que tal intercessão pode nos auxiliar a compor, no espaço-tempo virtual dos processos acompanhados, novas maneiras de pensar e agir em meio às cartografias em formação; de forma que, finalmente, seja possível levantar nesse imbricamento transterritorial, impulsionado pelo alto impacto dos signos emitidos pelas imagens

produzidas pela sétima arte, algumas conseqüências úteis para a invenção de um estilo de escrita a ser grafado como devir.

### **Campos problemáticos, conceitos e encontros**

No âmbito da pesquisa cartográfica em educação, em seu trabalho de campo, o investimento fundamental só pode dar-se nos encontros, mas se formos capazes de experimentá-los como um modo de relação que envolve, simultaneamente, trocas de potência e a afirmação da vida como processo ininterrupto de diferenciação. Assim, considera-se que os encontros, como dispositivos de comunicação, organizam-se, primordialmente, em torno dos campos problemáticos que nos afligem e sobre os quais nos debruçamos para atuarmos sensível, político e epistemologicamente por meio da instauração de práticas inventivas de si.

Dessa maneira, as partes dedicadas à invenção do encontro, para que o encontro aconteça como tal, precisam apresentar-se em posição de abertura para o estabelecimento de um fluxo afetivo e multidirecional de expressão comunicativa que viabilize a instauração de um processo de trocas cujo desdobramento e evolução dependem tanto da constituição de noções comuns, isto é, de concepção coletiva, quanto da afirmação das multiplicidades envolvidas.

Nessa perspectiva, assume-se que a cartografia em educação se desdobrará, sobretudo, no sentido de acompanhar os processos de expansão da vida em atualização nos encontros estendidos nas extremidades da escola pública; buscando apresentar-se como prática investigativa útil para rascunhar a paisagem em incessante transformação na microfísica dos diagramas traçados, bem como para afirmar aquelas forças políticas potenciais dedicadas à composição de novos territórios.

Simultaneamente, o movimento cartográfico procura evidenciar os modos de ação utilizados por forças conservadoras que, para afirmarem-se como planos supostamente inquestionáveis de organização, tendem a reprimir-oprimir a efetuação das nossas potências inventivas; considerando que tais planos de estratificação são sempre multiformes, interiores e exteriores a nós mesmos, bem como distribuídos por entre os

diversos planos da existência, nos capturando e recapturando em uma rede de sutilezas cuja dinâmica de mutação de giro rápido renova a si mesma indefinidamente.

Mas como viabilizar um modo de relação mais produtivo (que aqui será designado encontro de terceira ordem) entre o próprio processo de investigação e suas abstrações teórico-metodológicas internas (encontro de segunda ordem) e os processos locais de invenção da vida desdobrados na experiência escolar (encontro de primeira ordem); de maneira que tal entrelace propicie a elaboração de uma imagem diferencial no pensamento acerca da escola como instituição pública a partir de uma cartografia das práticas extremas desenroladas pelos seus usuários e profissionais<sup>1</sup>?

Esse problema fundamental será aqui abordado como referencial implicativo de orientação ampla, em direção à necessidade de se compor um estilo singular de agir, pensar e escrever em meio aos diagramas cartografados: a micropolítica de subjetivação se fazendo como processo na educação e na escola, mas cujo contorno escapa à escola e à própria educação formal.

De tal posição, pensar no estilo a ser utilizado na grafia do trabalho de pesquisa ganha importância ímpar, uma vez que o mesmo precisa deixar-se atravessar, necessariamente, pelas nuances éticas, estéticas e políticas conceitualmente associadas ao referencial teórico-metodológico subjacente à cartografia; pré-ocupada com a possibilidade de invenção de novas imagens no pensamento que possam, irreparavelmente, romper com a política de reconhecimento orientada à aplicação técnica de esquemas lógico-representativos que possam confirmar a ilusão das verdades absolutas.

Em seus diversos graus de dissociação, um rompimento conceitual entre o esforço investigativo e seu próprio estilo de escrita compromete a força do trabalho realizado em função da incoerência político-epistemológica tornada evidente na forma literária do próprio texto; uma vez que a cartografia como método de pesquisa pretende apresentar-se como dispositivo para fazer emergir e afirmar aqueles processos de escrita de si e do mundo que, justamente, trazem o dispar como unidade de medida.

---

<sup>1</sup> Essas mulheres (e homens) infames.

### **Problema, tempo e diferença**

Se os encontros, tomados como fonte de potência para a expressão e afirmação da vida, são imprescindíveis para as cartografias em educação; e nesse ponto passo a referir-me especificamente aos encontros de terceira ordem, ou seja, aqueles a serem virtualmente estabelecidos entre o campo problemático e particularidades conceituais propostos pelo pesquisador e os campos problemáticos e conceitos em expansão no próprio diagrama investigado; tais encontros não deixam de nos colocar dificuldades práticas graves para a sua efetivação como dispositivos de trocas ou de co-engendramentos, constatada a diferença de natureza que os distinguem.

Nesse sentido, os encontros não são apenas problemáticos e, por isso mesmo potenciais, em função de suas intratáveis contingências; mas, adicionalmente, pela violência e tensão que ensejam como processos instáveis de produção de sentido ao emitirem e sobreporem diferentes regimes de signos e sentidos. Assim, a nossa questão, que aos poucos, vai modulando por aproximação tonal, se resolveria provisoriamente da seguinte forma...

Como pensar, agir e escrever em meio às diferenças, contingências e violências que se estabelecem no coração das cartografias em educação; assumida a imprescindibilidade dos encontros para o próprio desenrolar do movimento investigativo?

Nesses termos, argumenta-se que o entrelace dos campos problemáticos e particularidades conceituais estendidos pelo pesquisador com aqueles outros, irrompidos no contexto dos próprios diagramas investigados, pode instaurar uma multiplicidade produtiva de pontos de vista, a partir dos quais uma relação potencial de diferenciação se desdobre segundo os conteúdos e modos de expressão que se faça desenrolar; e isso, pode dar passagem a um movimento singularizante de invenção coletiva de novos territórios, impulsionado pela necessidade de se pensar, colocar e recolocar problemas e conceitos que sirvam como vias de comunicação entre as diferenças emergidas nesse mesmo encontro.

Caminhando nessa direção, torna-se importante o investigador relevar que os problemas e conceitos que sustentam o seu projeto de pesquisa, bem como aqueles por ele capturados em campo, devem ser pensados, pelo menos inicialmente, como mistos ou ilusões representativas; estando ambos articulados, tanto na dimensão do espaço concreto (por uma multiplicidade quantitativa que só pode diferir em grau), quanto na dimensão do tempo virtual dos processos (por uma multiplicidade qualitativa que difere em natureza); e que será essa última aquela que poderá nos alçar para um pensamento em bifurcação acerca das práticas educativas acompanhados.

Dessa forma, o encontro entre campos problemáticos e conceitos articulados por tais diferenças de natureza, necessita produzir-se, primordialmente, a partir da materialidade das práticas, mas em direção às multiplicidades qualitativas complicadas no tempo virtual das nossas cartografias; uma vez que para tentarmos instaurar uma nova imagem no pensamento devemos, necessariamente, romper com a lógica na qual a quantificação do espaço, do movimento e do próprio tempo (então arbitrado quarta dimensão do primeiro e diretamente dependente do segundo), sugere uma ilusão fenomenal que precisa reafirmar indefinidamente a relação sujeito-objeto como exterioridade possível.

É, nesse sentido, que a cartografia como método de pesquisa em educação busca escapar aos preconceitos inerentes àqueles procedimentos investigativos que comumente se sobrepõem à escola pública para observar e descrever as verdades que possam servir para decalcá-la como espaço do mesmo, governado por uma repetição estática.

Nossa questão vai evoluindo assim para a necessidade de sabermos como provocar um modo diferencial de relação no âmbito do encontro cartográfico, no qual o pensamento do pesquisador seja forçado a abandonar a comodidade e o conforto das suas posições habituais para experimentar-se na inflexão de uma nova aliança entre verdade e criação; deixando-se afetar sensivelmente pelos processos vitais em expansão nas extremidades da escola.

Mas como dobrar, desdobrar e redobrar o próprio campo problemático e conceitos de referência para fazer passar uma linha-squizo que nos ameaça com uma morte

inseparável da nossa própria sobrevivência, nos coagindo a inventar outros modos de pensar, pesquisar e escrever acerca da educação, de si e do mundo?

“Neste lado de cá, não sou nada palpável, pois vivo tanto com os mortos como com aqueles que ainda não nasceram, um pouco mais próximo da criação do que é habitual, embora ainda não suficientemente perto.” (PARTSCH, apud KLEE, 2003, p. 84).

### **Afetações Mútuas**

Na perspectiva traçada, entre campos problemáticos e particularidades conceituais marcados por diferenças de natureza, toda uma zona de mútua afetação pode e deve ser estabelecida, mas na contingência do encontro e a partir da violência dos signos e sentidos ali emitidos e sobrepostos. Ainda que esses campos e conceitos, em suas disparidades, sirvam efetivamente a questões colocadas em planos distintos; é justamente a possibilidade de co-engendramento daquilo que difere que pode tornar a cartografia um estado da arte na pesquisa em educação: um encontro comunicativo em abertura à invenção coletiva do singular.

Admite-se assim que, no contexto das cartografias em educação todo o movimento de preparação metodológica não se direciona à intenção de apropriar-se literalmente de uma realidade preexistente, observá-la e descrevê-la como exterioridades capturáveis e definíveis exclusivamente a partir da dimensão espacial do entrelace pesquisa-diagrama; mas, ao contrário, busca-se fazer fluir e intensificar certas qualidades de afetação ou de “transversalidades” entre as diferenças de natureza e multiplicidades qualitativas complicadas na dimensão do tempo virtual do encontro, elegendo essas disparidades como condições imprescindíveis para a invenção de novas imagens no pensamento. Lembrando que devemos partir sempre das práticas educativas cartografadas e dos problemas próprios ao campo da educação que tais práticas impõem às nossas pesquisas.

Evidentemente, tal sistema de trocas ou de co-engendramentos não pode ser conduzido por um estilo de interpretação que se apresente como tutor absoluto da verdade; mas, talvez, por um processo dinâmico de diferenciação, astuto o suficiente para estabelecer qualidades diferenciais de comunicação entre campos problemáticos e particularidades

conceituais que se articulam distintamente ao real ao traçarem percursos ímpares pelos quais fazem a diferença fluir até chegar às coisas.

Enquanto aprendizes de cartógrafo, parece ser fundamental marcar nesse estágio que precisamos tentar restabelecer um modo sensual de reconciliação entre o inventivo e o verdadeiro no nível das afetações experimentadas no encontro investigativo - dando especial atenção às diferenças de natureza que articulam, no tempo, a relação pesquisa-diagrama ao real (que não se opõe ao virtual); de modo a evitar o risco de nos debruçarmos por demais tempo sobre questões inexistentes ou sobre mistos mal analisados e, em segundo lugar, avaliar e redimensionar constantemente o campo problemático e a base conceitual inicialmente propostos, fazendo mover um pensamento que extrapole as ilusões representativas produzidas quando focamos exclusivamente nossa atenção sobre a dimensão espacial concreta dos processos acompanhados e em suas abstrações quantitativas.

### **Imagem, tempo e memória**

Como visto, para efetivar a desejada reconciliação entre verdade e criação no contexto da pesquisa em educação, o cartógrafo precisa viabilizar a instauração de um modo transversal e singularizante de relação comunicativa com campos problemáticos e conceitos que lhes são, ao mesmo tempo, exteriores e estranhamente íntimos; e em cuja virtualidade ele deixa envolver-se por meio da extensão de estratégias sensíveis que possam fazer seu pensamento ascender às diferenças de natureza e multiplicidades qualitativas complicadas no tempo-duração e na violência dos signos emitidos nos encontros promovidos: intercessões, deslocamentos, torções, conjunções sem síntese, modulações tonais, co-engendramentos... Que, evidentemente, não dizem mais respeito à simples coleta de dados, mas a uma produção transterritorial a estabelecer-se entre o si e o mundo.

Em tal linha de desenvolvimento, a efetivação desse estilo inusitado de relação investigativa passa a relacionar-se diretamente com a possibilidade de produção de um impulso que consiga alçar o pensamento do cartógrafo em salto qualitativo que supere a exclusividade usualmente atribuída à dimensão espacial dos processos pesquisados; pretendendo com isso tangenciarmos as virtualidades em desdobramento no misto

pesquisa-diagrama, nas quais o tempo desloca-se para fora dos seus eixos e o “eu”, pode, finalmente, experimentar um “Outro”.

A particularidade desse tipo inusitado de movimento investigativo, sua força e fôlego, exigem, pois, que agucemos sensivelmente nossa capacidade para compormo-nos com forças que nos ajudem a provocar esse impulso no pensamento em direção ao tempo-fluxo e à redescoberta do tempo no signo; de modo que possamos reencontrar aí as palavras e as coisas, o si e o mundo, os signos e os sentidos, mas agora como imagens: imagens-tempo ou puras forças de expressão.

Nesses termos, o salto fundamental se dá do pensamento acorrentado ao espaço e aos seus elementos identificáveis como exterioridades materiais ou multiplicidades quantitativas (ordens, simultaneidades, movimentos e justaposições numéricas); para um pensamento que se deixa seduzir no tempo dos signos e na duração das experiências. Uma imagem-tempo do pensamento que ultrapassa e torna impraticável a ilusão representativa, passando a orientar-se segundo a ultra-inteligência do sensível.

E são essas imagens-tempo do pensamento, tomadas assim como “realidades ontológicas” ou “puros modos de expressão” do conjunto de relações estabelecidas tanto no circuito dinâmico estabelecido entre percepção e memória voluntária, quanto naquele outro desenrolado entre os signos, a inteligência, a memória involuntária e a imaginação; que criam as condições para a instauração de um processo transversal de composição de novas imagens no contexto das nossas cartografias educacionais: uma zona de afetação mútua ou de co-engendramentos na qual o tempo deixa de ser marcado como uma linha numérica para ser pensado como tempo-fluxo, onde todos os níveis de memória voluntária coexistem contraídos no passado e, simultaneamente, distendidos na dimensão virtual do presente; e onde, também e com mais força, os signos mundanos, sensíveis e amorosos emitidos e sobrepostos nos encontros não cessam de nos impor a necessidade de inventarmos outros modos de expressão.

Sabe-se que essa multiplicidade interna de coexistências virtuais precisa atualizar-se para dar passagem aos modos de expressão que a cada vez, parcial e precariamente, nos individualizam em meio aos próprios acontecimentos da pesquisa; fazendo passar à

consciência<sup>2</sup> um “corpo” ou uma “imagem-tempo” que nos remeterá do passado ao presente, da lembrança à percepção, do signo ao sentido ao percorrermos, em meio aos afetos experimentados, níveis graduais da memória voluntária e qualidades diferenciais de constrangimento.

Evocadas do imenso e difuso passado virtualmente contraído sobre o presente ou das violências que os signos nos impõem, essas imagens-tempo em atualização no encontro pesquisa-diagrama necessitam que os referidos circuitos (memória voluntária-percepção e signos-memória involuntária-inteligência-imaginação) sejam perturbados por uma qualidade diferencial de tencionamento para que possam efetivar tal atualização como uma evolução criadora.

E será esse “tencionamento diferencial”, o papel a ser desempenhado pelo nosso herói: um “Terceiro Homem” vindo do sul para apresentar-se com seu mundo mágico de sombras e luzes, tempo e movimento; e cuja simples passagem pode fazer rachar ao meio as ilusões representativas atacadadas à articulação pesquisa-diagrama ao instaurar uma crise incontornável nos nossos regimes usuais de produção de signos e sentidos; de maneira que, nessa agressão, o pensamento seja coagido a reinventar-se em uma nova imagem.

Daí a importância de tomar como positividade indispensável a contingência dos encontros e a violência dos signos neles emitidos, pois, são justamente esses movimentos do díspar que podem intensificar a qualidade da tensão que flui no interior dos circuitos; forçando-nos a tentar produzir um modo inventivo de entrelace entre problemas e conceitos desdobrados a partir de campos que guardam entre si tais diferenças de natureza.

Assim, diz-se que é a partir do encontro dos corpos e dos afetos ali experimentados que se torna possível tentar deslocar o pensamento das imagens-representação para as imagens-tempo dos signos ou da duração; em si, já complicadas no plano virtual da existência. A idéia a desenvolver-se é, portanto, tentar fazer com que nossa atenção

---

<sup>2</sup> Consciência aqui é tomada como algo que não produz, mas apenas alinha um conjunto de planos para o aparecimento das imagens à *vida ativa conforme as “motivações do mundo”*. (VASCONCELLOS, 2006, pg. 25).

passa a funcionar em meio à crise instaurada no interior dos circuitos para, aí então, procurarmos preencher os intervalos ou centros de indeterminação surgidos entre a percepção e a memória voluntária, bem como respondermos às violências que os signos nos impõem ao elaborarmos novas imagens-tempo no pensamento ou novos modos de expressão comunicativa.

Viabilizar uma fuga temporal no pensamento com o auxílio de estratégias de intercessão que possam nos auxiliar a promover esse salto virtual em direção às imagens-tempo. E isso envolve, potencialmente, a introdução de um campo exterior ao misto pesquisa-diagrama, capaz de provocar uma qualidade especial de abalo nos modos pelos quais habitualmente fabricamos nossas imagens representativas acerca dos processos acompanhados, para então fazer tais modos saírem dos seus trilhos.

Tudo isso, precisa desdobrar-se, justamente, nos momentos em que os “nossos” mecanismos lógico-representativos usuais estão prestes a reconstituírem-se, a se restabelecerem ou a reconfirmarem-se. Aí então, provocamos uma interferência estranha no refluxo dos circuitos de modo a impulsionar o pensamento acerca das imagens em atualização nas nossas cartografias para a dimensão virtual do tempo; passando então a tomar tais imagens não mais como representações de uma realidade espacial, exterior, numérica e logicamente inteligível; mas como puras imagens, isto é, como impressões grafadas em nossas almas pelos afetos, signos e sentidos experimentados no encontro.

Mas como passarmos a nos servir de “nossa” duração e dos constrangimentos sofridos frente às violências dos signos para reconhecer e afirmar, imediatamente, a existência de outras durações e de outras relações signo-sentido; ao mesmo tempo, “inferiores” e “superiores” a nós, conquanto sejam, em certa perspectiva, interiores a nós?

### **Imagem, tempo e signo**

O devir do conceito e a escrita como devir no âmbito das cartografias em educação, relacionam-se diretamente, assim, com a necessidade de se estabelecer um entrelace de forças em atração que obriguem o pensamento a sair de sua indolência. Como visto anteriormente, tal fuga pode efetivar-se a partir de um dispositivo extra de intercessão

que consiga impulsioná-lo, potencialmente, na direção diferenças de natureza e das multiplicidades qualitativas articuladas no tempo virtual dos signos; já que aqui, o tempo encontra-se, finalmente, liberado da relação de dependência que o acorrentava ao espaço-movimento.

[...] tempo não mais subordinado ao movimento, mas tempo puro. [...] um tempo que não muda, apesar de não ser eterno. Tudo muda no tempo, mas o tempo é exatamente o que não muda, permitindo assim, toda a mudança possível. (VASCONCELLOS, 2006, p. 39).

Partir, sim, das imagens-movimento, mas desenvolver seus signos no pensamento como imagens-tempo. É justamente isso que pode nos levar à invenção de outras ordens para o encontro investigativo. Buscando produzir, nesse arranjo diferencial das relações em intercessão, as potências que nos forcem a redescobrir o tempo perdido em meio cartografias desenroladas.

Todo o trabalho trata-se então em saber como articular signos e tempo na produção de uma nova imagem no pensamento, uma vez que...

[...] tão importante quanto a articulação do signo e imagem [...] é a segunda articulação [...] que tem maior relevância para a constituição do devir - filosófico [da pesquisa, ou seja, o conceito]: juntar signo e tempo [...] o que só tem condições de se estabelecer por intermédio de um pensamento no tempo. Daí sua importância para um pensamento “do” cinema, que é, antes de mais nada, um pensamento tempo. (VASCONCELLOS, 2006, p. 37).

Chegamos então a essa posição dessemelhante: tomar as produções cinematográficas como um segundo nível de intercessão em nossas cartografias para tentarmos adicionar uma variação ímpar ao entrelace pesquisa-diagrama, de modo que a instabilidade provocada pela introdução dessas novas imagens nos leve a apreender e a pensar, no tempo virtual dos signos e da duração, as diferenças de natureza e multiplicidades qualitativas que articulam o próprio movimento investigativo ao real; tal como os signos e os sentidos são articulados ao seu interpretante no cinema.

Dessa maneira, a conjunção dos signos-imagens produzidas pelo cinema, nesse segundo nível de intercessão, favorece o desdobramento de um processo afetivo de comunicação no entrelace pesquisa-diagrama ao nos arrastar, potencialmente, para o tempo puro dos

signos então sobrepostos às imagens em atualização no encontro investigativo, assim qualitativamente redimensionado pela introdução do “Terceiro Homem”.

Mas, como mover-se criteriosamente em meio a esse redimensionamento temporal-qualitativo? E o que isso tudo pode potencializar, efetivamente, para a produção de um estilo diferencial de pensar, agir e escrever acerca dos nossos esboços cartográficos?

### **Girando caleidoscópios**

Tentando desenvolver tais critérios, faço uso de uma colocação instigante do Professor Jorge Vasconcellos quando nos adverte que a leitura dos signos do cinema deve ser tomada...

[...] não mais como enunciados lingüísticos, mas como imagens que remetem a signos, que, por sua vez, têm sua correspondência em imagens. Essas imagens e signos nos permitem ver determinados problemas com os quais os cineastas se deparavam na construção de suas obras. As imagens e signos do cinema, na verdade, são expressões do pensamento dos grandes diretores [...]. Quando um diretor se depara com determinado problema, ele lança mão de uma nova imagem, ou de uma nova relação entre as imagens e seus signos [...] nascendo, assim, uma obra do pensamento. (VASCONCELLOS, 2006, p. 38).

Na perspectiva desdobrada, as cartografias em educação podem potencializar-se como um modo de produção capaz de compor uma obra do pensamento ao traçarem, a partir dos processos investigados, uma rota de fuga orientada à dimensão do tempo virtual desses mesmos processos; procurando, para isso, utilizar-se de um movimento diferencial que consiste em introduzir sobre as imagens-signos em atualização no acompanhamento dos movimentos de campo, os signos-imagens apresentados por esse “Terceiro Homem”, até então submerso nos canais das nossas Vieras pós-guerra.

Tal estratégia exige assim o desdobramento de uma atitude investigativa sensível o bastante para fazer-se passar entre o inventivo e o verdadeiro – e, evidentemente, para muito além das ilusões representativas; ao desenrolar-se como processo capaz de articular as imagens-movimento capturadas no entrelace pesquisa-diagrama aos signos e sentidos emitidos pelas imagens cinematográficas, tomadas como modos de resolução para os problemas fílmicos<sup>3</sup> enfrentados pelos cineastas.

---

<sup>3</sup> É evidente que tais problemas podem ser inventivamente elaborados a partir dos afetos surgidos no encontro do pesquisador com o filme: o que interessa aqui é tentar relacionar as imagens-signos propostas

Quando os planos da consciência se alinham para (re) decalcar tal ou tal ilusão representativa no pensamento acerca das imagens em atualização nas nossas cartografias - no percurso que traçamos do passado à percepção e dos signos aos sentidos; fazemos passar esses blocos produzidos pelo cinema para tentar abrir uma brecha para acessarmos o tempo virtual dos movimentos acompanhados e tentar fazer subir os simulacros: apreender e experimentar sensivelmente as diferenças de natureza e as multiplicidades qualitativas liberadas no encontro, desviando-nos do caminho que habitualmente percorremos para fazer a diferença chegar às coisas, e tornando possíveis articulações mais intuitivas com o real.

Fazer devir essa máquina de visão na contingência do encontro entre os campos problemáticos e particularidades conceituais imbricados nas nossas cartografias e os problemas fílmicos e modos de resolução propostos pelo cinema; para aí então tomar emprestado, desses últimos, os signos que nos coagiram à produção de um processo de transversalidade hábil para articular as diferentes imagens complicadas nesse segundo nível de intercessão Considerando que no acontecimento desse entrelace há...

[...] um sistema de imagens que chamo *minha percepção do universo*, e que se conturba de alto a baixo por leves variações de uma certa imagem, *meu corpo*. Esta imagem ocupa o centro; sobre ela regulam-se todas as outras; a cada um de seus momentos tudo muda como se girássemos um caleidoscópio. (VASCONCELLOS, apud BERGSON, 2006, p. 27).

Nessa perspectiva, o encontro dos corpos, no nosso caso, das imagens que formamos como pesquisadores acerca das transformações nas paisagens educacionais cartografadas com aquelas produzidas pelo cinema frente aos seus problemas fílmicos; engendra um movimento diferencial no pensamento, uma vez que a instauração dessa visão caleidoscópica na intercessão dos campos aparece como...

[...] produto de um recentramento que a imagem [cartográfica] privilegiada [na intercessão com as imagens cinematográficas, sofre em] [...] seu efetivo centramento [...]. Como se disséssemos que as imagens [do cinema] põem-se a desfilar a “olhos vistos”, quando uma determinada imagem ganha [na sobreposição com as imagens em formação na relação pesquisa-diagrama] o ‘status’, momentâneo, de centro de indeterminação. (VASCONCELLOS, 2006, p. 27).

---

pelo cinema para dar conta de tal problema, ainda que afetivamente suposto, e os campos problemáticos e conceitos entrelaçados em nossas cartografias.

E é essa condição momentânea designada “intervalo” ou “centro de indeterminação”, estabelecida na maneira como somos afetados pelos signos-imagens cinematográficos, violentamente emitidos e intuitivamente articulados à relação pesquisa-diagrama, que nos força a produzir outros signos e sentidos; a partir, mas para além das imagens representativas em atualização em nossas cartografias; propiciando com isso a possibilidade de abandonarmo-nos como instâncias representativas do instante e entrarmos em um devir no qual somos lançados no tempo de volta às diferenças de natureza e à multiplicidade qualitativa das coisas.

No cinema, as imagens [ou corpos] são signos. Os signos são as imagens consideradas do ponto de vista de sua composição e de sua gênese. [...] O cinema faz nascer signos que lhe são próprios e cuja classificação lhe pertence, mas, uma vez criados, eles voltam a irromper em outro lugar, e o mundo [da cartografia] se põe a “fazer cinema”. (VASCONCELLOS, apud DELEUZE, 2006, p. 37).

É importante chamar a atenção nesse momento para o fato de que quando um pesquisador em educação aproxima-se do cinema (ou de qualquer outra forma de arte), tal movimento só pode ocorrer em virtude dos problemas formulados ao seu próprio campo de pesquisa. Assim, se propomos rediscutir as imagens em formação no processo de pesquisa com o auxílio de saberes não relacionados diretamente ao campo educacional, o que deve estar efetivamente em jogo nessa estratégia são questões e problemas de caráter educacional. Desse modo, ainda que os dispositivos de intercessão (como o cinema), nos forneçam imagens externas para pensar a pesquisa em educação, os conceitos elaborados a partir daí constituem-se, estritamente, como conceitos do campo da educação, sendo, na mesma medida, expressão das intercessões desenroladas.

### **Maquinas de escrita**

O salto no passado e a redescoberta do tempo perdido complicado nos signos levam-nos então a uma possibilidade palpável de reconciliação entre invenção e verdade no contexto das cartografias em educação ao fazerem irromper, potencialmente, aqueles devires não-humanos do homem e aquelas paisagens não-humanas da natureza em meio à captura do tempo real. Nesse ponto, os “objetos de pesquisa” não podem mais ser

representados por um “sujeito consciente” nem os dados de campo colhidos como frutos da estação.

O pesquisador ou a pesquisadora, só podem então produzir seus próprios dados e objetos, mas como puras matérias, úteis à elaboração das personagens conceituais que necessitam para expressar as impressões grafadas em suas almas pelas singularidades produzidas no encontro coletivo de enunciação.

O desenvolvimento natural dessa possibilidade de intercessão entre a cartografia e o cinema, é que o pesquisador ou a pesquisadora possam fazer de si mesmos partes constituintes do misto de sensações inerente ao esforço investigativo, deixando-se afetarem pelas idas e vindas dos signos nos entrelaces transterritoriais que se consegue provocar; e aí então, reordenar as coisas por uma lógica irracional, na qual o pensamento pode experimentar-se na fluidez dos enquadramentos, nas sutilezas dos movimentos de câmera e nas perspectivas de outros ângulos de visão; diluir-se nos volumes das luzes, nas nuances sonoras, nas cores e tons de cinza e nos diferentes ritmos de edição.

E é nesse ponto exato, isto é, na intensidade virtual do instante, que devemos pôr-nos a escrever: pelos animais, pelos loucos... ou como quem faz cinema; mas sem compromisso com nenhuma forma de humanismo (Vasconcellos, 2006).

... Então Marion (pesquisadora) surge, cercada pelos pássaros obscuros empalhados por um “Outro”... Decidindo voltar à cidade para tentar desfazer suas armadilhas; e também Norman Bates, o empalhador (ou “processo investigado”), que se julgando muito dignamente, nascido e irremediavelmente preso às suas; vai precisar matar nossa heroína, justamente quando ela buscava recompor-se; mas, não sem antes, denunciar com um sarcasmo agudo, as avaliações monstruosas que a mocinha fora capaz de externar... Tão delicadamente...

**REFERÊNCIAS:**

**DELEUZE**, Gilles. Proust e os Signos. Rio de Janeiro, RJ: Forense Universitária, 2006.

**DELEUZE**, Gilles. Diferença e Repetição. Rio de Janeiro, RJ: Graal, 2006.

**DELEUZE**, Gilles. Foucault. São Paulo, SP: Brasiliense, 2005.

**DELEUZE**, Gilles. Bergsonismo. São Paulo, SP: Editora 34, 1999.

**ESPINOSA**, Bento de. Ética. Lisboa, Portugal: Relógio D' Água, 2006.

**KASTRUP**, Virginia. A Invenção de Si e do Mundo: Uma Introdução do Tempo e do Coletivo no Estudo da Cognição. Belo Horizonte, MG: Autentica, 2007.

**KASTRUP**, Virgínia. O funcionamento da atenção no trabalho do cartógrafo. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?lng=pt>. Acesso em 28 de junho de 2007.

**PSICOSE**. Direção: Alfred Hitchcock. Produção: Alfred Hitchcock. Paramount Pictures. EUA: 1966. Um DVD.

**O TERCEIRO HOMEM**. Direção: Carol Reed. Produção: Alexander Corda; David O. Selznick. Warner Brothers. Inglaterra: 1949. Um DVD.

**ROLNIK**, Suely. Cartografia Sentimental Transformações Contemporâneas do Desejo. Porto Alegre, RS: Sulina, 2006.

**VASCONCELLOS**, Jorge. Deleuze e o cinema. Rio de Janeiro, RJ: Editora Ciência Moderna, 2006.

